

# Imprensa estrangeira pergunta sobre dívida

O ex-governador Fernando Collor garantiu a correspondentes estrangeiros, em encontro no Rio, que pretende manter, se eleito, uma convivência saudável com o capital externo, impedir qualquer manifestação racista dentro do governo e evitar “a desnacionalização dos meios de proteção ambiental do Brasil, sobretudo da floresta amazônica, seja por qualquer forma.”

Os representantes de 49 veículos de comunicação — jornais, agências de notícias e emissoras de rádio e televisão —, que se espalham por 21 países, centraram a maioria de suas perguntas em torno da dívida externa. Collor afirmou que tem consciência de que “a dívida, não só do Brasil, mas de todos os países do terceiro mundo, é impagável”, mas que não pretende, se vitorioso, “dar calote ou decretar a moratória.” Advertiu que pretende negociar, “mas com dureza, para tirar todas as vantagens possíveis.”

Em todas as respostas sobre a dívida, o candidato do PRN revelou que a retirada do aval da União dos contratos da dívida, que pretende adotar, funcionará “como senha, como sinal, para promover uma ampla negociação, que não afetará, em absoluto, o desenvolvimento do país.” Collor colocou, em seus planos iniciais, “a maior integração latino-americana, a começar pelo Cone Sul.”

Sobre política interna repetiu que “não aceita, não quer e não precisa” do apoio de ministros do presidente José Sarney. Não aceitou ser comparado a Jânio, porque “eu mal tinha nascido quando ele foi presidente da República”, ao mesmo tempo em que se disse “sem medo de enfrentar um Congresso hostil, em seus primeiros sete meses de governo, caso se eleja.”

Collor revelou que não esperava assumir a ponta das pesquisas, antes de 1º de julho: “Como isso aconteceu em abril, eu sinto que é importante administrar, agora, essa vantagem, com competência, para não decepcionar os que acreditam em mim”. Definiu-se como um politraco de centro-esquerda e, “mais que isso, como um reformista.”